ANNO I — S. João d'El-Rei, 8 de Novembro de 1885 — N. 8

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno ..... [illegible]

Escriptorio da redacção—Rua do Duque de Caxias, 54

Summario

O DOMINGO

8 de Novembro de 1885.

Aureliano Pimentel

(Continuação)

QUEM possue, porém, tão elevados dotes de espirito, não podia permanecer esquecido e ignorado por mais largo tempo.

A Justiça tem direitos invenciveis, que, mais cedo ou mais tarde, sabe fazer valer.

Em 1882 o exm. sr. barão de Ibituruna fundou nesta cidade uma estabelecimento de instrucção primaria com a denominação de *Eschola João dos Santos;* s. magestade o imperador, então de visita nesta cidade, assistio á sua inauguração. Foi ahi que o augusto imperante conheceu pessoalmente o nosso illustrado conterraneo, a quem declarou conhecer de nome ha mais tempo.

Na conversação scientifica e litteraria travada entre o provecto professor e o chefe do estado, conheceu este que tinha deante de si uma forte intellectualidade valiosa, esclarecida, um homem estudioso, profundo, de cuja illustração muito podia aproveitar um centro mais adiantado do que o nosso, onde as grandes erudicões não encontram, por certo, horizontes vastamente illuminados, para livremente se espraiarem.

Concitado pela justa benevolencia do imperador, que, incontestavelmente, sabe animar o verdadeiro talento, que se refugia á sombra de não convencional modestia, determinou o nosso respeitavel amigo realisar sua mudança para a capital do imperio.

Ia por essa occasião (1883) entrar em concurso a cadeira de latim do imperial collegio d. Pedro II.

Aureliano Pimentel inscreveu-se no numero dos candidatos e apresentou uma these de grande alcance, obra monumental, que produzio sensação na côrte e no estrangeiro entre aquelles que se dão ao estudo superior das linguas.

De alguns collegas perfeitamente habilitados, que occupam lugar saliente no professorado brazileiro, ouvio o autor destas linhas as mais honrosas referencias a essa importante these, a melhor que, no genero, tem apparecido entre nós, nestes ultimos tempos.

La ciencia cristiana, conceituosa revista quinzenal que se publica em Madrid, inserio no seu numero 26, de 30 de Janeiro de 1884, um criterioso artigo de d. Urbano Ferreiros, preconisado critico, escriptor orthodoxo, que prova pela energia de seu estylo a independencia de seu caracter e a rectidão dos seus juisos, — onde são feitos os maiores encomios ao trabalho de Aureliano Pimentel.

Esse artigo hade ser traduzido para *O Domingo* publicar num dos seus proximos numeros.

—

Tendo obtido um triumpho completo no concurso da cadeira de latim, o laureado professor não foi o escolhido para regel-a, porque o outro candidato — que embora não se distinguisse tanto, fez tambem um acto brilhante — era já professor interino no imperial estabelecimento e devia de ser o escolhido, como é de costume fazer-se.

Aureliano Pimentel leccionava interinamente diversas materias no collegio Pedro II, quando abrio-se outro concurso ao lugar de professor substituto da cadeira de portuguez e historia litteraria.

O respeitavel mestre apresentou-se novamente e ainda uma vez alcançou condigna victoria.

Sua these foi plena manifestação dos profundos conhecimentos, que possuia da materia. Classificado em primeiro lugar, como ordenava a justiça, foi nomeado professor da referida cadeira, missão que desempenhou com toda a distincção, mantendo os honrosos creditos que tem firmado em todo o longo tirocinio de sua vida publica.

Contra essa these de portuguez e historia litteraria, investio a critica desenfreiada de commentadores suspeitos.

O preterido no concurso, impossibilitado de combater vantajosamente o merecimento incon-

testavel do trabalho de seu companheiro, tentou numa serie de artigos, pela *Gazeta de Noticias*, cobril-o de defeitos, que a meza examinadora, composta de distinctos professores, não encontrou, — e descobrir na luminosa these a sombra de plagios impossiveis. Tal accusação —como todas aquellas que não se escudam na demonstração clara e precisa que a verdade fortalece—absolutamente não podia merecer defeza, nem dessas explicações que só se devem dar quando a balela habilmente levantada pode macular a reputação limpida de um impolluto caracter.

E' natural desforço dos vencidos nessas lutas intellectuaes, justificar a derrota, increpando de injustos os julgadores imparciaes e com os desabafos do orgulho ferido —nesses resentimentos impotentes do amargo desengano — procurar obscurecer a scintillação dos laureis, que enaltecem a fronte dos eleitos da victoria.

Todavia, como não costumam e nem devem mesmo se pertubar com isto as consciencias rectas, que confiam no proprio valor, Aureliano Pimentel tem proseguido denodado, sustentando o esforço nobre de subir pelo talento, como tem conseguido.

(Continua)

Estranho caso

(Continuação)

IV

A CADEIA era no centro da cidade, a um canto da praça principal. Era uma velha construcção quadrada, isolada, caiada, de alto a baixo rasgada de janellas á moda antiga, pequenas, estreitas, que barras de ferro apertadas reticulavam.

Seis annos alli passou, sempre no mesmo cubiculo, seis annos de vida triste mas calma, solitaria mas povoada de reflexões.

A sua janella dava para a rua e não ficava muito alta do chão: della via quantos passavam; sabia do movimento da visinhança, da vida exterior d'aquellas casas, seu unico horisonte.

No fim de seis mezes estava resignado com a sua sorte, adaptado áquelle meio, habituado ao quasi uniforme correr do tempo alli. E foi pouco a pouco se modificando interiormente. Tambem no fim dos seis annos, quando lhe deram a liberdade, tinha sabido de tanta cousa, tinha visto e ouvido tantos soldados e criminosos, e mesmo, relativamente, tanta cousa tinha observado!

Para passar o tempo e ganhar alguns vintens, fez a principio chapéos de palha grosseiros, depois cigarros, por ultimo empalhava moveis. Foi lá que aprendeu o officio que é o seu ganha-pão honrado hoje, foi lá tambem que aprendeu a pensar seria, demoradamente, e que passou os unicos annos da vida sem que lhe turbassem o calmo da existencia, em ancias, as preoccupações do que comer, do que vestir, do onde ir dormir.

Sem aspirações — só raras vezes a da liberdade e não comprehende agora muito bem porque — sem tentações, corriam-lhe os momentos nem muito lenta nem muito apressadamente, suave, agradavelmente. E depois, tantas outras cousas aprazíveis o prendem áquelle cantinho de casa quieta, triste, de vida isolada e meditada como a de um convento!

Bem boas recordações guarda, no intimo, dessa época. Sente que era feliz. Agora tambem vive só, sem o calor e doçuras de serias, profundas affeicções... e com bem apoucadas vantagens, com vantagens bem pouco compensadoras.

Lembra-se perfeitamente de uma mocinha que morava na mais bonita das casas fronteiras. Todas as tardes, depois do jantar, ella vinha á janella e ficava espiando até depois das ave-marias. Era engraçadinha — muito morena, magrinha, olhos mui pretos e vivos, narizinho um pouco arrebitado e uma boquinha mimosa, rubra, abrindo-se em captivante sorriso sempre que o namorado passava. O rapaz vinha todos os dias: coitado, mesmo quando chovia. Trocava com ella olhares e sorrisos quentes, que uma trivial saudação fria acompanhava com ar medroso, e ia adiante. Depois voltava.

E elle habituou-se a assistir ao monotono desenrollar-se dessa simplicissima historia de amor, o prologo talvez de um casamento, e afinal queria tanto aos namorados a ponto de no fundo do coração, erguer votos pela felicidade delles e preoccupar-se com ella.

Um anno depois, durante alguns mezes a casa esteve fechada e interrompeu-se o curso daquelle amarem-se os dous alli, sob as vistas delle. E quando a menina voltou foi para casar-se com outro.

Sentio muito aquillo, e pelo namorado, e o fel amargo de desillusões travou-lhe o doce da quietação de espirito.

Era uma linda noite de luar claro, dessas noites de céo limpo em que poucas estrellas brilham e com brilho tristonho e empallidecido. Um preso, ao lado — um preto que matara o senhor, havia pouco — quebrava o silencio que subia da rua com melopéa monotona e dorida, baixinho murmurada. Havia cinco dias tinha se casado a moça. E pareceu-lhe ver num homem que passava na calçada lentamente, olhando para as janellas della, o antigo namorado. Pobre rapaz! Teve tanta pena delle que até sentio marejarem-lhe as lagrimas.

São essas e outras cousas, com certeza, que o fazem lembrar-se com saudade dessa phase boa da sua vida. E se pudesse a ella voltar!...

— A's vezes a gente parece que fica doudo, murmura.

V

Da nostalgia extranha é que talvez lhe venha a nevoa de tristesa que se sente no olhar bondoso perpassar de leve sempre e concentrar-se ás vezes.

E aquelle ar reflexivo e humilde com que vai seguindo pelas calçadas, á tarde, talvez lhe venha da impertinente revivescencia do quadro nitido dos annos de cadeia, tempo de vida serena e triste pelo qual lhe parece agora sentir saudades de quando em quando. Porque é uma idéa que não o larga mais, depois que a insistente resistencia da imagem em procural-o ultimamente chamou-lhe á reflexão— o inexplicavel desse sentimento.

Mas é que o fio mysterioso e intangivel de um pensamento doce sempre

é mais solido que os grilhões pesados do mais rijo ferro, pois sobrevive á cadeia desatada e prende ainda, apoz a liberdade, o prisioneiro ao cêpo.

TANCREDO DE MELLO.

Aluizio Azevedo

DIZ-SE por ahi que não existe —litteratura patria; pintam-n'a outros desolada e triste como a Gauthier, tisica, mostrando nas ultimas cartas a Duval os fracos arrancos de uma vida que foge, os ultimos gyros de uma seiva lymphatica. Vai nisso, entretanto, muito exagero e paixão; os languores genericos do nosso caracter indolente soem produzir essa blasphemia bonita que rebenta ás vezes da palavra impensada dos superficiaes: Não ha litteratura brazileira!

D'entre a legião possante dos nossos moços estudiosos e esforçados, protesto vivo contra esses funereos esgares, resalta-nos agora, á sorte, por acaso, o nome aureolado que encima estas linhas, como de um regimento em fórma, prompto para a defesa dos brios nacionaes, avança, — ao primeiro insulto, vigoroso e guapo espadachim.

Fazer de Aluisio Azevedo—litterato, um *croquis* fiel e detalhado, ainda que pallido, não quadra á naturesa ephemera das paginas periodicas, nem compete á força, apenas ensaiada, que só visa em uma serie de artigos congeneres a este, render seu preito a esse e tantos outros paladinos da nossa autonomia mental, promissores artifices do nosso diadema de nação civilizada.

Força é, porém, que alguem applauda. Levantemos nós, os pequenos, a *claque* irreflectida do enthusiasmo e precedamos o applauso medido e grave dos mestres reconhecidos. Que o nosso patricio, aos golpes severos, proficuos e, o que é mais, altruistas — da censura dos justos, já esteja preparado pela sensação doce e attenuante das acclamações dos moços.

Abreviando, tomemos em mãos a ultima producção do incansavel moço. Corramos as paginas do —*Coruja*— com aquelle intimo e grato esto patriotico que involuntariamente nos subjuga e eleva ao contemplar os magnos vôos de aguia de um talento robusto, apesar de nosso, ou antes:— magno e robusto, por isso mesmo que é nosso.

Deixemos passar alli tudo o que a mão fatidica e benemerita do criterio ha-de cortar e corrigir, e sómente extasiemo-nos ao achar nos traços de mestre, como o que segue, a mão segura de quem, dotado, que o é, de inspiração e engenho, ha-de, ao encanecer, ter a dita de ser apontado — gloria brasileira.

Leiamos, ao acaso:

«Theobaldo tinha um d'esses typos de que em geral gostam infinitamente as senhoras de moral fraca. N'elle tudo parecia feito de proposito para captival-as: os seus grandes olhos apaixonados, ora ternos, ora atrevidos, tão promptos a desmaiarem de amor como a ferirem com arrogancia; o seu pequeno bigode crespo, arrebitado; a sua bocca desdenhosa, aristocrata e sensual a um tempo; a sua fronte de homem de talento, sobre a qual uma bella cabelleira cahia em aneis que se agitavam ao menor movimento da cabeça; o seu largo pescoço de estatua, pallido e rijo como o marmore; o seu perfil sereno e firme, orlado pela fina transparencia da epiderme; as suas mãos longas e formosas; o seu porte gracioso — desaffectadamente altivo; a sua voz insinuante e ligeiramente ironica; a sua verbosidade original, cheia de espirito e alheia apparentemente ao effeito que levantava; tudo isso, e mais os pequeninos nadas do seu todo, que ninguem poderia determinar, mas que todos sentiam como se sente um perfume sem saber d'onde elle vem, tudo isso parecia destinado a encher de sonhos a fantasia das mulheres avidas de ideal. E cada uma d'ellas via n'elle o homem ambicionado; e cada uma, por amal-o como as outras, entendia-se com o direito exclusivo de perseguil-o.»

— Ahi a verdade simples; ahi — o fino colorido e o perfume das paginas delicadas; ahi a despretenção respeitosa que prende o leitor erudito.

Julguem-se as obras de Aluisio, fira o camartello da critica os blocos mal cinzelados, que são poucos, e o resultado não será outro senão este:

— Ha romance brazileiro. Aluisio Azevedo é romancista.

SILVA TAVARES.

A primeira carta

ERA aquella a primeira carta que recebia em sua vida. Havia dous annos que o tinham levado para o collegio, e, entretanto, até aquelle dia não o tinham ainda achado digno de receber directamente noticias dos seus.

Parecia-lhe até um sonho, tal era o prazer que lhe causava ver seu nome por extenso, com todas as lettras, e precedido do *Illm. Sr.* que o elevava á cathegoria de *homem*.

Os collegas, aquelles em que uma carta já não produzia tão forte impressão, riam-se d'elle, mandavam-n'o abrir a missiva que elle conservava fechada, como si quizesse lel-a atravez do envoltorio.

— E' de tua mãe ou de teu pai? perguntou-lhe um curioso.

Teve vergonha de dizer que não sabia, que não conhecia a lettra de nenhum d'elles, o que importava confessar que nunca lhes tinha merecido uma carta, e disse ao acaso, como uma creança que responde repetindo a ultima palavra de uma pergunta que lhe é feita:

— E' de meu pai.

E esqueceu-se dos collegas para entregar-se todo áquelle prazer novo de saber noticias de casa, dos irmãosinhos, de tudo. Havia de estar naquelle papel o alvoroço que a approximação das férias devia produzir nas pessoas de sua familia, que o tinham visto partir creança e que iam vel-o voltar crescido e quasi um sabio, pois o Epitome e o Telemaco já lhe eram tão familiares, que os sabia quasi de côr. Imaginava o que podia conter aquella carta em que os entes, que lhe eram caros, deviam lhe enviar uma lembrança qualquer, e achava um gôzo indefinivel em retardar o momento de tomar conhecimento do que lhe escreviam, embora ardesse em desejos de o saber.

E corria o tempo sem que elle se resolvesse a romper o envoltorio da carta, quando um amigo, ao qual elle confiara o desgosto que lhe causava a indifferença com que o tractavam os parentes, atravessou o grupo dos curiosos, dos collegas

que rejubilavam com a estranheza do caso, e lhe disse ao ouvido:

— Vamos, abre a carta. Então é assim que recebes o que dizias esperar com tanta anciedade?

Que aquillo não estava em suas mãos, que era uma cousa exquisita a commoção que sentia, como si não fosse de uma carta que se tractasse. Demais, não havia pressa, queria mesmo deixar passar aquella agitação em que se achava, para melhor saborear as expressões da carta que imaginava cheia de delicadezas maternaes e de adoraveis frivolidades de seus irmãos.

— E' isso mesmo, confirmou o outro, lembrando-se do que sentira em circumstancias identicas.

E veio-lhe á lembrança um facto, que se tinha dado com elle havia tres annos, occasionado por uma carta que, embora não tivesse sido a primeira que recebia, não quiz abrir immediatamente, porque a qualidade do envoltorio denunciava a das noticias que a missiva lhe trazia.

Seria de igual natureza a carta de que se tratava, embora não se visse no envoltorio a tarja preta do estylo?

Não communicou ao amigo a idéa que acabava de entenebrecer-lhe o espirito, mas insistio com elle para que lesse a carta, porque a hora do recreio estava a expirar e só mais tarde estariam em liberdade.

O outro já estava mais calmo; rompeu a sorrir o envoltorio e procurou com os olhos a assignatura.

Respondera inconscientemente aos collegas, mas acertara: — o nome que subscrevia aquellas linhas era o de seu pai.

Quando volveu o olhar ao começo da carta, tornou-se subitamente de uma pallidez que não passou despercebida aos que o cercavam.

As primeiras palavras que se lhe apresentaram á vista, avida de noticias alegres, foram as seguintes:

«Communico-te que tua mãe já não pertence ao numero dos vivos...»

Não poude ler mais.

Todo aquelle alvoroço que precedera a abertura da carta, o effervilhar de sentimentos jubilosos converteram-se em uma torrente de lagrimas que lhe empanaram por alguns instantes a limpidez do olhar.

Foi aquella a primeira carta que recebeu em sua vida!

José BRAGA.

O tunnel

No compartimento estofado e confortavel iam apenas tres viajantes, distrahidos, um fresco par de recemcasados que falavam interminavelmente, baixinho, em banaes frivolidades de encanto mellifluo longamente saboreado por elles sentados á portinhola que esquadrava ao longe largas paisagens moventes, e no extremo opposto um homem sorumbatico, de olhar colerico e nariz defeituoso deploravelmente achatado, torcido, alastrando-se sobre uma face rebarbativamente.

Lá fóra, grandes arvores de ramarias compactas e scintillando ao sol desfilavam impetuosamente, com estremecimentos bruscos de collossos surprehendidos; os campos verdejantes ao perto faziam por vezes redomoinhos loucos; mais longe eram accidentações asperas de terrenos incultos, ou largamente manchados de negrejantes pinheiraes, que pareciam desmanchar-se num recuo, serenamente; e no horisonte afogueado, valentemente onduloso, uma fileira pardacenta de montes ia acompanhando soberbamente o comboio, com uma furia cyclopica que nem o sol abrazador enlanguescia, rivalidade brutal e esteril de gigantescas forças. Do vasto azul incendiado, tremulando num abrazamento, cahia por toda a parte uma inundação fulva; as vegetações sequiosas immovelmente, queixavam-se em vão contra a ardente lubricidade do astro feroz; — e no compartimento estofado, confortavel, abafava-se.

Mas em breve, a locomotiva apitou com furia, cortando o ar de vibrações mordentes; duas trincheiras aridamente cortadas passaram sobranceiras; fez-se uma repentina e deleitavel frescura; e de repente, uma escuridão pesada e densa envolveu tudo, ao mesmo tempo que um furibundo estrondo começava a desenrolar-se tempestuosamente. Então o candieiro redondo do tecto, como um enorme olho acceso da treva curiosa, despejou francamente sobre os estofos uma claridade baça, tremulante, mysteriosa; e pelo tunnel fóra a barulheira redobrava, tumultuosa, phantastica, as ferrarias retinindo em sobresaltos asperrimos como multidões damnadas de velhas gritando esganiçadamente, um sinistro trovejar de echos revoltos com assobios e roncos de ventos desencadeados e demoniacos, e correntes d'ar esmagado precipitando-se surdamente por entre os wagons que rangiam.

Por vezes tudo subia num crescendo atterrador, e dir-se-hia que todos os espiritos habitantes daquellas trevas subterraneas deliravam em apupos violentos, demonios agitando enormes caldeirões rachados, cerberos raivosos latindo roucamente, gnomos, duendes, batalhões de bruchas e regimentos de phantasmas berrando espantosamente, até que, subito, o estrondo acalmava um pouco, as ferrarias estridentes dominavam então, e de vez em quando pareciam passar vôos lugubres de morcêgos. Mas o crescendo ensurdecedor voltava de novo, a locomotiva apitava sempre, tenazmente, o tunnel nunca acabava, — e o sujeito sorumbatico, para se entreter, procurou ver na sombra duvidosa os seus enamorados companheiros.

Então, pareceu-lhe que ouvia rir nervosamente, e distinguiu um vulto, — o delle, do homem, sem duvida, — que se punha em pé, avançava os braços, e curvando-se, beijava repetidamente o outro vulto, — o della naturalmente.

O riso alegre continuou, os doces beijos pararam, os dois vultos permaneciam socegados nos seus logares, e as negras paredes do tunnel começavam já a illuminar-se brandamente duma luz vaga. Dentro em pouco os verdes campos hilariantes de sol reappareceram consoladoramente, entoando sob o glorioso céu azul o seu concerto festival de exuberantes côres; e o comboio vencedor ia rolando a sua vontade, ruidosamente, afogado nas ondas quentes da luz.

Mas o sorumbatico viajeiro, que nunca até alli soltára uma palavra, voltou-se agora risonhamente para a gentil casadinha, e todo aberto numa galanteria, perguntou-lhe se a incommodava o fumo; offereceu depois amavelmente os seus bellos charutos ao maridinho feliz, e accendendo um, o defeituoso nariz ironicamente encrespado, o

olhos fuzilantes, começou a dizer,
— Gosto immenso d'atravessar estes tunneis grandes; — ouvem-se as vezes ruidos tão extraordinarios...

E continuando num tom simples de palestra, o velhaco ia intimamente regalando de ver a loura casadinha toda corada!

MONTEIRO RAMALHO

"A Semana"

TEMOS á vista os ns. 43 e 44. Ambos magnificos, adoraveis ambos.

O primeiro traz novo retracto de Gonçalves Dias. Trabalho bem acabado, que desvaneceu a má impressão do anterior. Segue-se a secção litteraria, esplendorosa como sempre. Uns versos lindissimos de Adelina Lopes Vieira, e um delicado conto de Julia Lopes destacam-se entre os demais primores.

O segundo... No segundo a escolha é difficil. E' tudo fascinante.

Ahi lemos a agradavel noticia de que preoccupa actualmente o espirito do fecundo romancista Aluisio Azevedo, de quem se occupa hoje o nosso collaborador Silva Tavares, um trabalho de grande folego — *Brazileiros antigos e modernos* — que consta de cinco livros, do tamanho cada um da *Casa de pensão*, a saber: — 1°. O cortiço. — 2°. A familia brazileira. — 3°. O Felizardo. — 4°. A loureira. — 5°. A bola preta.

Esta obra, diz *A. R.*, n'*A Semana*, unida por uma teia geral que atravessa desde o primeiro até ao ultimo livro, representará, todavia, cinco romances, perfeitamente completos, cada um dos quaes poderá ser lido em separado.

Tão importante trabalho de Aluizio Azevedo é para ser esperado com a mais viva anciedade.

—

Ao *Cofre das graças* do n. 44 roubamos duas para os *Lambrequins* de hoje.

E ao collega continuamos a agradecer penhoradissimos a amabilidade da visita com que sempre nos honra.

O poeta

(A JORGE RODRIGUES)

O poeta é como Deus. Nas rimas sonorosas
Da lyra divinal, quando inspirado a tange,
Um mundo se levanta, um mundo ideal que abrange
Rios, mares e sóes, e passaros e rosas.

Sente-se n'esse enlevo o adejo das formosas
Canções que pelo espaço em lucida phalange
Descortinando vão, quando elle a lyra tange,
Rios, mares e sóes, e passaros e rosas.

Fez Deus o mundo e agora a dormitar descança,
Nos diz a tradição; Mais mundos, e não cança,
O poeta phantasia em rimas portentosas.

Poeta, assim ès tu: — Nos cantos teus suspira
A etherea inspiração, e nascem-te da lyra
Rios, mares e sóes, e passaros e rosas.

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

MUSAS RISONHAS

Conselho rejeitado

(A ARTHUR AZEVEDO)

Eu não posso acceitar, Arthur, o teu *Conselho*,
És justo e tens rasão; concordo assaz comtigo,
Porém, —fica sabendo,— o meu grande inimigo
O que me afoga em raiva e tem me feito velho,

O que me impede sempre de empunhar um relho
E bater, amassar, até tornar n'um figo
Murcho, e poder-lhe dar direito a um jazigo
Depois de o ter deixado tinto de vermelho

No proprio sangue espurio, ao escrevinhador
Que me infama e me fere, é não poder... (oh! dor
Barreira immensa, iniqua, infame, atroz, fatal!)

O que me não permitte ouvir o teu soneto
E esse trilho seguir que tu julgas mais recto
E' ter em frente a mim o *Codigo Penal*.

FREDERICO SALGADO.

Revista do anno

VALENTIM Magalhães e Filinto de Almeida concentram o vigor de seu pujante talento e... de seu *espirito* não menos pujante, em uma obra que vai tornar archi-milionaria a companhia do theatro Sant'Anna, na côrte.

E' um trabalho em que o anno de 1885, com todo o seu cortejo de episodios burlescos, vai ser apresentado ao publico que se

hade rir d'elle, embora muitos dos que se têm de rir se reconheçam nos personagens da *Revista*. Quem do limitadissimo espaço de uma semana sabe dar para *A Semana* tanta pilheria fina, o que não fará, tendo á sua disposição um anno inteiro?

Mulher

(A CAMPOS DA CUNHA)

Tomou Deus o cinzel e mudo o aspecto
Poz-se a pensar de que materia havia
De effectuar um sonho que o seguia
E se tornava amigo seu dilecto.

Achando, afim, o marmore do Hymetto,
Ao bloco informe as formas imprimia,
Vendo orgulhoso um corpo que surgia,
Realisando o sonho seu completo.

E, qual do mar a Venus vaporosa,
Se levantou do marmor graciosa,
Como ideal de amor e de prazer,

Uma formosa e pallida figura,
A que o Artista, dando uma alma pura,
Deu a sorrir o nome de — MULHER!

JOSÉ BRAGA.

SECÇÃO DAS SENHORAS

Em que param as modas...

TEMOS á vista os ultimos numeros do *Salon de la Mode*, *Mode Illustrée* e *A Estação*, incontestavelmente os melhores jornaes de modas, que apparecem pelo nosso paiz.

Este ultimo tem a vantagem de trazer as descripções das *toilettes* claramente desenvolvidas, no passo que os outros são mui resumidos no texto, caprichando muito nos moldes e figurinos... os quaes — infelizmente — não pode *O Domingo* reproduzir.

Continuam a vir os vestuarios de inverno, que é a estação actual de Paris como sabem as leitoras. Costumes de casemira, confecções *russas*, ornadas de pelles, *redingotes* de panno, afogados... é só o que se vê — e só o ver suffoca-nos, a nós que já sentimos os effeitos do verão que começa ameaçador...

A falar com franqueza, a humilde redactora desta secção não possue o que se diz um talento inventivo...

O remedio é transportar mesmo para aqui o que se encontra nos jornaes francezes e seguir-lhes as indicações.

De resto, é tão natural isto entre as nossas patricias...

Paris é quem decreta, quem sempre decretou; Paris é a luz, é a força, é a verdade — Paris! Quem ousará desobedecer-lhe?

O que repetirei é que o bom gosto das minhas gentis leitoras hade lhes inspirar os meios de fazer as modificações necessarias no intuito de adaptar ás modas de outro clima ao nosso.

—

No *Salon* vem um *costume de ville* muito *pschut*.

Tem a primeira saia de panno verde escuro, guarnecida de uma faxa bordada a soutache e perolas de azeviche. A elegante tunica avelludada, de panno verde, é ornada de uma ponta bordada tambem como a saia. O puff é formado por *coques* de panno mescladas de velludo e o corpinho deixa apparecer de um lado apenas o collete bordado. O collarinho é feito tambem com este mesmo bordado e nos canhões — *appliques*.

Completa essa formosa *toilette* um chapéo de velludo verde com um rico enfeite de *tuyauté* cahido de um lado. A aba sae de uma tripla fileira de perolas verdes e cinge a *calotte* uma guarnição de surah cor de rosa pallido, avelludado. Plumas cor de rosa e verdes, em tufos, adeante.

Pode se fazer este costume de fazenda preta, com enfeites apropriados que será, por certo, de um effeito muito mais agradavel.

La Mode traz o figurino de um vestido de lã *à dessins* muito interessante. Pode ser feito tambem de uma fazenda leve, que apresenta o mesmo encanto.

A saia de baixo é de estofo de seda franceza, de um verde azeitonado, franzida perpendicularmente. A segunda saia que mostra ser um pouco mais curta que a primeira, é feita de uma fazenda de lã côr crême, com umas flôres de varios tons, muito desmaiadas, e aberto á esquerda de alto a baixo. Dous grandes laços de fita de reps azeitonado caem — um na frente e outro á esquerda, na abertura da sobresaia, terminados por umas bolas cobertas de margaritas de um pardo avermelhado, irisadas. O corpinho é franzido e com trespasse na frente.

—

A cor verde e a de violeta estão agora no galarim e o enfeite que a moda prefere são as flores, enfeite simples e encantador.

Entre as vestimentas de *babys* de tres a quatro annos, encontramos um costume *Gentil-Bernard*, bem curioso. Saia e camisa entufada em siciliana *sorbier*.

A tunica, com abas de gibão, feita de velludo sorbier, é ornada de boutões dourados. O lado anterior, em abas de bournou, é todo franzido sob um laço. A cintura, de estofo de sêda, passa debaixo das abas e prende-se atraz. A frente da pequena tunica deve ter botões dourados, como as abas.

Para *toilettes* proprios de visitas e passeios, o que está agora no *recherché* é uma fazenda de lã chamada *astrakan*.

Quando vier o nosso inverno uzal-a-hemos... justamente quando em Paris estiver fóra da moda.

Andaremos sempre distanciadas das moças *tcheng* da grande capital — por causa dos malditos phenomenos climatologicos.

Triste condicção!

Subscripção

(Para a familia de Bernardo Guimarães)

Quantia já publicada........	20$000
Um anonymo................	10$000
Campos da Cunha..........	5$000
Somma....................	35$000

Primeiro beijo

Naquella hora bemdita
do casto primeiro beijo
nasce o magico lampejo
de uma esperança infinita:

— Aurea scintilla sagrada
de ignoto sonho a brilhar
á luz da estrella adorada
de um terno e humido olhar.

Primeiro beijo! — clarão
de auroras alviçareiras,
— surgir de illusões fagueiras,
— primeira flôr em botão.

Grata expansão jubilosa,
que requeima as phantazias,
— e traz a febre ditosa
de insensatas alegrias.

Rapido instante feliz
em que ao nosso amor parece
— que a Deus uma ardente prece
noss'alma em delirio diz,

se [illegible] á outra — no amplexo
de um sentir que não se exprime...
— E o céo lhe envia o reflexo
de uma ventura sublime!...

Penhor de um futuro inteiro...
sorrir de um novo destino,
— ó nectar puro e divino,
— ó luz do beijo primeiro!

JORGE RODRIGUES.

Sobre a meza

A Onda.—Orgam do centro abolicionista academico de S. Paulo. Redactor — principal, o insigne poeta Enéas Galvão. Parcines. — Pedro Mibielli, A. Duarte, Crespo Junior, M. Costa, J. d'Araujo, Isaias Villaça.

Defendendo a causa santa da liberdade, pugnando valorosos por uma idéa que tem por gladio invencivel — a justiça, e por escudo — o patriotismo, os illustres academicos elevam-se no conceito de seus concidadãos e fortalecem a esperança que nelles tem a patria agradecida.

A visita d*A Onda* nos encheu de alegria e nos despertou um enthusiasmo animador e bom.

O Liberal. Tambem orgam academico. Criterioso e adiantado. E' seu redactor-chefe, Sebastião Medrado, um bellissimo talento. O numero 3, que temos a vista, está cheio de artigos bem lançados.

— *Estatutos da Sociedade Gremio litterario democratico*, da cidade da Limeira, S. Paulo.

Agradecemos penhoradissimos a gentileza da illustrada directoria do *Gremio* e lá receberá como deseja, o despretencioso *Domingo*.

O Parahyba (Parahyba do Sul) N. 79. Interessante como sempre.

Extrahimos do seu noticiario o seguinte:

Dr. Bernardo Guimarães. — A illustrada redacção d'*O Domingo*, importante folha litteraria que se publica em S. João d'El-Rei, em artigo publicado no seu n. 7, reinvidica para a provincia de Minas, o dever de proteger e amparar a familia do inditoso poeta mineiro Dr. Bernardo Guimarães, e n'esse nobre intuito acaba de abrir no seu escriptorio uma subscripção, cujo producto reverterá em beneficio da viuva e dos sete filhos d'esse illustre brazileiro.

Este procedimento, que dá o quilate de nobreza de sentimentos que exorna os nossos distinctos collegas d'*O Domingo*, é digno dos mais justos applausos.

Muito bem!»

Confessamo-nos muito desvanecidos com as amaveis expressões do generoso collega, de cujo cavalheirismo temos recebido tantas provas inequivocas.

Lambrequins

Um magnetisador é levado ao jury por certa ladroeira.

Terminado o interrogatorio, exclama com arrogancia:

— Se eu quizesse adormeceria agora todo o tribunal.

O juiz, gravemente: — Sente-se; isso compete ao seu advogado.

—

Gomes e Telles, dous ingenuos burguezes, embasbacam deante das telas e dos marmores de um muzeu. Eis chegam em frente de uma copia da *Phryné*, de Praxiteles.

Telles—Bonita mulher! Mas está tão á fresca! Por que será que está tão *despida*?

Gomes: — Porque é de *praxe*, Telles.

—

Atormentamo-nos mais para fazer acreditar que somos felizes do que para sel-o realmente.

—

POEMA ROMANTICO

I

Quando brilham os astros incendidos
E a lua se retracta
Nos lagos como liquidos fundidos
Em cyngalas de prata;
Quando perpassa brisa em tons gemidos
E a voz do gaturamo
Solta gorgeios lyricos, sentidos...

II

Que bem se está na cama...

Porr.

—

Um roceiro comprou dez leitões a um vizinho e quando os recebeu disse ao filho que os contasse.

Quando o pequeno voltou:

— Então? perguntou o pai.

— Contei nove.

— Mas eram dez, que deviam trazer.

— Ah! respondeu convicto o rapaz, havia mais um, mas saltava tanto que o não pude contar...

MORTE AO TEMPO

As questões do numero passado, são:

LOGOGRIPHO — Obsidiana.

CHARADAS

Em Zig-Zag

Telegraphicas — Navalha, Moxama, Machado—Loja.

Novissimas — Corcova, Papa, Feira.

Em quadro

B A T A
A B E L
T E C A
A L Ã O

FUGA DE CONSOANTES

«Do prato a bocca se perde muitas vezes a sopa.»

—

A unica decifração exacta foi a do *Club das Perspicazes*, que por isso ganhou o premio.

Tambem recebemos decifrações dos srs. Custodio Guedes e Francisco Honorio; ambos, porém, deixaram de decifrar o proverbio e a charada em quadro.

De um sr. Zebedeu recebemos para publicar algumas charadas, o que deixamos de fazer, por estarem muito faceis.

Bem se pode dizer: Tal pai, taes filhos!

Para hoje:

LOGOGRIPHO

Animal—2—8—4—6
Vegetal—6—8—2—7—4—8—1—5
Animal—9—3—2—11
Vegetal—2—1—9—10—11
Animal—2—1—2—1
Vegetal.

—

Em zig-zag

A bebida	4
é uso	2
em certa phase da vida	4

—

Telegraphicas

Carocha faz rir!	3
Cocada doe?	3
Tamanco no mar	3
Coco da igreja	2
Tinta no pé	2

—

Novissimas

Planta a arvore no ar—1—2.
Precisamos de um homem em casa 1-2
Nas casas corre o padre—2—2.

—

Em quadro

— — — — Sou mulher
— — — — Tenho harmonia
— — — — Sou dinheiro
— — — — Tenho alumnos.

—

Fuga de consoantes

— ue — — o — — ia — a — a a — a — a

—

Para o primeiro decifrador exacto guardo uma sorpresa.

Tong-KONG-SING.

CORRESPONDENCIA

Sr. Carlos Figueira (Ouro-Preto) — O conto, que nos enviou, não póde ser publicado n'*O Domingo*, como o senhor deseja, porque tem incorrecções *a valer*.

Vejamos:

Aquella dor que elle não podia resistir... Não acha que este verbo—resistir— está mal satisfeito com a natureza do complemento, que lhe deu o senhor?

Mais outra:

Dal o esmolas era...

Outra mais:

Aquelles sonhos que elle tivera nos dias socegados e tranquillos, que foram poucos, como escrevia mais tarde a um amigo.

Que é do verbo, sr. Figueira, para — *aquelles sonhos*?

Si são d'esta natureza os outros contos, que nos diz ter na pasta, é melhor queimal-os, porque lhe evitarão d'este modo a despeza de porte.

Silva Tavares.—Recebemos o *par de chromos*. Obrigadissimos, e

« Como até mesmo o ar
« suspende a gente logo...
« cravando olhos de fogo
« em tão formoso par!...»

Não ficaram tão baratos assim...Mas, afinal, isso não é sempre.

Quanto as mais, continúa, pois não!

Anagramma

Composições de Eduardo Bourdot, professor de musica em S. José do Rio Preto (Tres Ilhas):

Tr■s Irmãs.	Polka
Tu■o Dança...	»
Esq■eci seu Nome!...	»
M■riquinhas...	Valsa
Amo■ á arte...	Quadrilha
Sae ■a frente!...	»
Tud■ Quebra...	Polka
Não me ■ulas!...	»
At■cin!...	»
Sa■dade...	Valsa
Catast■óphe?!...	Polka
Proesas ■'amor...	»
Não me ■lhes...	»
Seduc■ora...	»

E. B.

Está conforme.

Dr. RÉCLAME.